

5756

Stort, Eliana V. R.,
Cultura, imaginação e conhecimento: a
educação e a formalização da experiência / Eliana
V. R. Stort. -- Campinas, SP: Editora da
UNICAMP, 1993.
(Coleção Momento)

1. Cultura. 2. Imaginação. 3. Conhecimento.
I. Título

20. CDD - 306
- 153.3
- 121

ISBN 85-268-0261-5

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Cultura 306
2. Imaginação 153.3
3. Conhecimento 121

Coleção Momento

Copyright © by Eliana V. R. Stort

Coordenação Editorial

Carmen Silva P. Teixeira

Edição

Sandra Vieira Alves

Preparação de originais

Vanila Aparecida da Silva

Revisão

Josiane de Fátima Pio Romero

Lucélia Caravellet Temple

Composição

Gilmair Nascimento Saraiva

Silvia H. P. Campos Gonçalves

Luís Claudio Gomes

Montagem

Edilson Tristão

Capa

Vlad Carneiro

1993

Editora da Unicamp

Rua Cédilo Feltrin, 253

Cidade Universitária - Barão Geraldo

CEP 13084-110 - Campinas - SP - Brasil

Tel.: (0192) 39.3720

Fax: (0192) 39.3157

PARTE II

A CULTURA RACIONALIZADA E A PERDA DO SENTIDO DA EXISTÊNCIA

Se a ciência marca tão profundamente a vida social contemporânea, sem dúvida não é, antes de tudo, em todo caso de modo direto, por causa das representações que ela nos fornece da realidade, mas porque engendrou um tipo de projeção exterior, sob a forma de um corpo de aparelhagens e de práticas nas quais nossas existências estão presas, à sua revelia, e que determinam, de modo mediato, os modos de vida e, de modo mediato, as representações e os sistemas de valores.

Ladrière

A FORMAÇÃO DO SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA

É o método científico, enquanto especificação altamente refletida e autocomparada do método racional, que se encontra na dinâmica comum que atravessa tanto o campo propriamente científico, como o campo tecnológico.

É a técnica que constitui essa mediação concreta, material, entre a ciência e a vida cotidiana, e que representa, assim, como que a face visível do fenômeno ciência.

Ladrière

Vimos nos capítulos anteriores que a cultura tem uma função primordial na forma como o indivíduo vivencia, orienta e dá sentido à sua existência. É também na relação que estabelece com o conjunto de símbolos fornecidos pela cultura que o indivíduo constrói sua identidade e autonomia, conquista seu lugar no mundo e sua possibilidade de auto-realização. Verificamos ainda a importância que a imaginação tem na criação, no desenvolvimento e na transformação da cultura.

Diante disso, e seguindo nossa proposta de análise das relações que existem entre razão, imaginação e cultura, assim como as formas que estas relações assumem na atualidade, pretendemos, nesta altura de nosso trabalho, estudar de que maneira a cultura racionaliza-se,

como fica a situação da imaginação neste contexto, e que consequências daí advêm para a vida humana.

Para tanto, estudaremos a formação do sistema ciência-tecnologia, a difusão desta mentalidade na sociedade e nas instituições, clarificando seu impacto na cultura e na vida individual.

Começamos por buscar compreender o crescimento e a atual integração da ciência e da tecnologia, que são explicados por condições externas e internas a estas atividades. As condições externas dizem respeito à industrialização, que possibilitou à ciência e à tecnologia adquirirem o modo de evolução que as caracteriza hoje. As condições internas referem-se às características que a ciência e tecnologia adquiriram e que também explicam a interação que se estabelece entre elas.

A industrialização

Historicamente, o desenvolvimento atual da ciência e da tecnologia está estreitamente ligado à industrialização.¹

O processo de industrialização resulta da conjugação de fatores econômicos, organizacionais e da possibilidade de aplicação de certo tipo de tecnologia.

O papel da tecnologia no início da industrialização foi limitado. Com o desenvolvimento industrial, a tecnologia teve um desenvolvimento rápido que, por sua vez, estimulou o crescimento da ciência. Inversamente, o desenvolvimento do sistema ciência-tecnologia favoreceu o crescimento industrial e a extensão deste tipo de organização a outras esferas de atividades. Assim, na atualidade, há uma ligação estreita entre ciência, tecnologia e indústria.

¹ Ladrrière define industrialização como "(...) o processo pelo qual as sociedades contemporâneas passam de um tipo de economia essencialmente baseada na agricultura, caracterizada por uma baixa produtividade e por uma taxa de crescimento extremamente frágil, se não nula, a um tipo de economia essencialmente baseada na indústria, caracterizada por uma alta produtividade e por uma taxa de crescimento relativamente elevada". (Jean Ladrrière, *Os Desafios da Racionalidade*, p. 95.)

Ciência e tecnologia

Apesar das semelhanças de organização e de metodologia que há entre ciência e tecnologia, e que veremos mais adiante, existe uma diferença de natureza entre elas. A ciência tem por objetivo o progresso do conhecimento e a tecnologia, a transformação da realidade.

Embora ambas utilizem procedimentos análogos, a ciência o faz com vistas à realidade, no sentido de compreender como esta conserva-se ou transforma-se. Já a tecnologia intervém na realidade, no sentido de impedir que certas situações reproduzam-se ou procurando fazer surgir situações que não apareceriam espontaneamente. Nesta linha, os procedimentos são opostos — a ciência transforma informações objetivas em novas representações conceituais, enquanto que a tecnologia projeta informações conceituais sobre uma situação concreta que, assim, transforma-se em uma realidade nova.

A ciência

A novidade da ciência e o que a diferencia dos modos puramente interpretativos e especulativos de conhecimento que lhe deram origem são os seus procedimentos. Através deles, a ciência procura viabilizar o crescimento controlado do saber que produz e também possibilitar o aperfeiçoamento dos meios que tornam possível este crescimento.

A principal característica da ciência é a adaptação constante realizada entre um sistema representativo com tendências bastante formalistas e um sistema de ação construído segundo seqüências operatórias submetidas a um rigoroso controle; ou seja, entre a teoria e a experimentação ou a observação controlada. É neste vai-e-vem que a ciência evolui, no sentido de transformação das teorias quando a experimentação indica esta direção, e, a partir daí, apontando novas necessidades experimentais.

Assim, o conhecimento científico do mundo amplia-se, tendo a elaborar sistemas de grau de generalidade cada vez maior, que pos-

stibilizam aumentar os campos de investigação. O desenvolvimento das teorias levanta questões que sugerem novas experiências; os resultados experimentais e as dificuldades que podem surgir na própria teoria levantam novos problemas teóricos. Isso leva a extensões teóricas que se caracterizam por um grau mais elevado de generalidade e por um forte poder de unificação.

A evolução da ciência tende a produzir sistemas cada vez mais complexos e integrados e, além da interação com as ciências formais, as ciências particulares tendem a agir cada vez mais umas sobre as outras, tomando mutuamente por empréstimo esquemas de análise e explicação, ou suscitando problemas que dependem de teorias gerais utilizáveis em vários campos. As diversas interdependências e retroações que se estabelecem entre os sistemas científicos são tais que se pode falar não apenas numa integração crescente no interior desses sistemas, mas no domínio da atividade científica em geral. O processo global de auto-organização sobrepe-se aos processos de auto-organização com sede nos sistemas específicos. Isto sugere que, considerada globalmente, a ciência atual tende a formar um vasto sistema, com subsistemas em interação e evoluindo no sentido de uma maior complexidade, interação e, ao mesmo tempo, de maior autonomia. A conquista desta autonomia significa que a ciência conta cada vez mais com recursos próprios de funcionamento e desenvolvimento, dependendo cada vez menos de circunstâncias exteriores. O desenvolvimento científico torna-se, nas palavras de Ladrèrre,

(...) cada vez mais consciente, refletido, concertado; (...) (faz-se) à maneira das *démarches* que ele organiza, cada vez mais racional.²

A tecnologia e sua interação com a ciência

A vinculação da tecnologia com a ciência fez com que ela adquirisse características específicas e diferentes, quantitativa e qualitativamente, da tecnologia que a precedeu.

2 Ibid., p. 51.

Por ser feito em bases essencialmente práticas e criticadas racionalmente pela observação e comparação de meios e efeitos, e pelo fato de seu modo de proceder não ser sistemático, tem o acaso papel importante, o desenvolvimento tecnológico foi lento em seus princípios.

Atualmente, embora o papel do acaso não tenha desaparecido totalmente e muitas das realizações tecnológicas ainda se baseiem na experiência e na tradição, sem contarem com explicações satisfatórias, a ligação da tecnologia com a ciência torna a atividade tecnológica cada vez mais sistemática e conscientemente controlada, possibilitando-lhe crescimento cada vez mais rápido.

Ciência e tecnologia são hoje atividades socialmente organizadas, baseadas em planos e buscando atingir objetivos de caráter prático e deliberadamente escolhidos.

A interação ciência-tecnologia estabelece-se de duas formas: a tecnologia utiliza diretamente conhecimentos científicos e toma como recurso o método científico.

1. Utilização direta de conhecimentos científicos

Na realização de uma operação tecnológica eficaz é preciso prever o que acontecerá se o sistema em foco evolui por si mesmo, sem interferências. Além disso, é necessário saber a que tipo de operação devemos submetê-lo para que evolua na direção desejada. Estes são dados que o conhecimento científico do sistema fornece. Visto que muitas vezes não se dispõe deste conhecimento, apóia-se na experiência passada e procede-se a induções simples. Neste caso, não se compreende verdadeiramente o que é feito e colocam-se problemas ao conhecimento científico, no sentido de explicar o que ocorre. Conseguida esta explicação, adquire-se um domínio maior do processo em questão e pode-se produzir o efeito desejado de modo mais eficaz, efetivo e econômico. Por isso, a tecnologia tende cada vez mais a recorrer ao auxílio que a ciência pode oferecer-lhe.

2. Recurso ao método científico

Sempre que possível a tecnologia organiza-se, na ordem da ação, segundo o modelo da pesquisa científica na ordem do conhe-

cimento. O essencial do método: colocação de um problema, formulação de hipóteses, comprovação dessas hipóteses, retorno à situação inicial transformando-a no sentido da solução do problema, e aparecimento eventual de novos problemas, é também empregado pela tecnologia, criando possibilidades objetivas novas.

O desenvolvimento científico amplia consideravelmente o campo da tecnologia. E, assim como acontece com o desenvolvimento científico, a evolução tecnológica faz-se por arborescência: cada nova etapa é como um nó, abrindo novos caminhos que conduzem a outros nós, que esboçam novas ramificações, e assim por diante. Mas diferentemente das estruturas arborescentes, onde as ligações são apenas lineares, podem aqui se estabelecer relações entre nós situados numa mesma linha, ou entre nós pertencendo a níveis diferentes, e esses vínculos podem tomar a forma de ligações retroativas. O grau já elevado de interdependência, entre os componentes da tecnologia moderna, tende a reforçar-se, formando um enorme conjunto de sistemas interligados interdependentes, o que tende a reforçar mais e mais sua integração e, conseqüentemente, sua autonomia com relação a outros domínios da vida social.

Quanto mais evolui, a tecnologia é capaz de crescer segundo seus próprios recursos, em projetos que elabora a partir e dentro de sua própria realidade. Isto quer dizer também que este domínio tende cada vez mais a definir seus próprios objetivos, tornando-se mais e mais independente de situações ou necessidades exteriores. Podem-se criar necessidades de caráter tão artificial quanto os próprios sistemas tecnológicos.

O mais impressionante, e o mais perigoso, da evolução e da vinculação da ciência e da tecnologia, é que estes domínios tendem a organizar-se no sentido de uma autofinalização crescente, num complexo relativamente autônomo de sistemas parciais cada vez mais interdependentes, capaz de aumentar seu nível de organização e de integração, por si mesmo.

Lembrando a importância da contribuição da tecnologia à ciência no aperfeiçoamento da prática experimental, Ladrrière ressalta que a interação recíproca entre a ciência e a tecnologia faz com que o conjunto delas tenda, possivelmente, a constituir

(...) uma espécie de superdomínio ou superestrutura única, evoluindo no sentido de uma complexidade crescente (isto é, de uma diversificação sempre mais acentuada dos componentes e, ao mesmo tempo, de uma complicação maior das ligações funcionais entre esses componentes), de uma interligação cada vez mais estreita (sob forma de uma interdependência cada vez maior entre os componentes) e de uma autonomia cada vez mais afirmada (não somente quanto à sua estruturação interna e a seu modo de funcionamento, mas também quanto a seu modo de evolução, caracterizado por uma importância cada vez mais decisiva dos fatores puramente endógenos).³

No interior desta superestrutura, Ladrrière atribui a influência mais decisiva à ciência, baseando-se no fato de que é, pela sua estreita ligação com a ciência, independente de suas próprias forças de crescimento, que a tecnologia moderna evolui tão rapidamente.

Esta dinâmica de evolução tende a engendrar, segundo Ladrrière, na linha de Karl Popper,

(...) uma realidade autônoma, intermediária entre a natureza e a realidade propriamente humana, uma espécie de "terceiro mundo", (...) um *logos* realizado cuja estrutura formal é dada nas arquiteturas conceituais da ciência, e cuja figura concreta é dada nas aparelhagens de todos os tipos que constituem, em torno de nós, a rede extremamente densa daquilo que chamamos de o mundo técnico. (...) Solidário do ser humano, pois num certo sentido, é apenas seu produto, torna-se-lhe, em outro sentido, cada vez mais estranho, convertendo-se numa espécie de poder exterior que tenta impor-lhe sua própria lei. Essa lei é seu próprio crescimento. E este não é, em todo caso de modo direto, para o homem, para sua glória, para sua satisfação ou felicidade, mas para o único brilho do *logos*, para sua própria celebração, para a afirmação incondicionada e perfeitamente impessoal de sua fascinante sabedoria.⁴

O que não significa que este desenvolvimento seja num sentido previsível ou determinado.

³ *Ibid.*, p. 70.

⁴ *Ibid.*, p. 71.

O SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA E A CULTURA

... Hoje em dia, a ciência (...) constitui um fenómeno sociocultural de amplitude gigantesca, que domina todo o destino das sociedades modernas e que começa a colocar problemas absolutamente cruciais.

Ladrière

As interações sociais do sistema ciência-tecnologia

Vejamos agora como o sistema ciência-tecnologia interage com os sistemas sociais, chegando a interferir na cultura.

Ladrière considera que a sociedade é um grande sistema constituído de três subsistemas principais: político, económico e cultural.

O subsistema político refere-se aos sistemas de poder pelos quais uma sociedade assume decisões que a caracterizam como tal e que lhe permitem construir sua história.

A instância económica é formada pelos meios de produção utilizados por uma sociedade para uma sobrevivência e que fornecem os bens e serviços necessários à existência biológica de seus membros, às suas inter-relações e participação na vida social.

Para que as interações que constituem a sociedade tenham bases concretas, ela deve criar equipamentos objetivos (instrumentos, máquinas e instalações utilizados pelas instâncias econômica e política) e também "instrumentos mentais" (a linguagem, os sistemas lógicos e matemáticos e todas as teorias que materializam a aquisição e o progresso dos conhecimentos).

Como vimos, a cultura refere-se aos "instrumentos mentais" de uma sociedade.

Neste sentido, a ciência como sistema de conhecimentos e a tecnologia como um conjunto de saber-fazer que embasa as atividades econômicas e a comunicação pertencem ao sistema cultural.

Num outro sentido, como vimos no capítulo precedente, o sistema ciência-tecnologia pode ser considerado como uma superestrutura autônoma, uma realidade objetiva com vida própria, independente da realidade social que a sustenta. Nesta linha de análise, a tecnologia é considerada como parte dos equipamentos objetivos (sistema econômico), e não como elemento componente da cultura. A partir daí é possível compreender como o sistema ciência-tecnologia pode influenciar um sistema cultural e a sociedade como um todo.

Para que isso ocorra, ciência e tecnologia devem ter representação social concreta, o que acontece através de grupos institucionalizados, organizados para promover a pesquisa científica e tecnológica. É através destes grupos e organizações que as interações entre o sistema ciência-tecnologia e as três instâncias da vida social vão estabelecer-se.

As interações com a instância econômica fazem-se no sentido de que, surgindo uma tecnologia que pode responder a uma necessidade latente, iniciativas de ordem econômica aparecem para transformá-la em bem de consumo. Por outro lado, com o desenvolvimento da atividade econômica, esta tende a racionalizar-se, usando métodos de gestão e organização inspirados no método científico. O projeto econômico deixa então de ser voltado para a manutenção da produção, inventando produtos e tentando viabilizá-los. Assim, levanta questões que são encaminhadas à tecnologia. Esta procura respondê-las, contando com o auxílio da ciência, quando necessário.

Com relação às interações com a política, a partir da Segunda Guerra Mundial, quando ficou clara a importância política do sistema ciência-tecnologia, o Estado passa cada vez mais a responsabilizar-se pelo seu desenvolvimento, particularmente no que se refere às

aplicações militares e ao armamento atômico. A política tenta, então, garantir os recursos necessários à realização das pesquisas, procurando dirigi-las segundo sua concepção do desenvolvimento científico. Como a pesquisa não pode ser totalmente planejada e mecanizada, tendo as iniciativas pessoais ainda grande importância, e como a ciência só pode oferecer o conhecimento que possui, os projetos políticos são assim limitados e, neste sentido, é a ciência que impõe suas determinações à instância política.

Interações com a cultura

Na cultura, como vimos, há elementos míticos, crenças, sistemas de caráter metafísico, conhecimentos empíricos e pré-científicos, e elementos de natureza ideológica.

Para este sistema de representações, a ciência inicialmente aparece como algo estranho ou esotérico, não tendo influência no conjunto de conhecimentos comuns à maioria da população. Com o desenvolvimento social isso diminui, embora permaneça verdadeiro no que diz respeito ao fato de que o conhecimento científico, em suas formas mais evoluídas, exige formação sólida e prolongada.

Adquirindo a ciência importância para a vida social, os aspectos essenciais do conhecimento científico começam a difundir-se. A educação formal tende a prolongar-se, amplia-se a formação universitária e o acesso ao ensino médio. O modelo tradicional de ensino com base nas humanidades clássicas tende mais e mais a ser substituído por uma formação de base científica. No ensino superior, esta tendência alcança os cursos ligados às práticas sociais e humanas.

Os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão, divulgam aspectos deste conhecimento, através de cursos sistemáticos ou de programas de popularização. Estes, embora formem idéias superficiais, fazem com que o público familiarize-se com aspectos da pesquisa científica. A vulgarização também é realizada em jornais e revistas, adquirindo formas e níveis diversos.

A visão científica do mundo invade profundamente o sistema de representações e transforma-o. Por via deste sistema, alcança outros sistemas culturais, especialmente os de valores. Influencia diretamente os sistemas de saber-fazer, tanto pela formação de técnicos operadores, como pelo uso de instrumentos de utilização simples que são acessíveis ao público.

Com a ligação que existe entre os sistemas da vida social, atra-
vés deles, efeitos indiretos do sistema ciência-tecnologia atingem o
domínio cultural. Os valores regulam as atividades políticas e eco-
nômicas, mas também dependem delas, chegando a refletir, na práti-
ca, exigências daí provenientes. As vinculações do sistema ciên-
cia-tecnologia com as instituições políticas e econômicas trazem co-
mo resultado perturbações nas normas e nos valores.

Estas interações afetam muito a existência real, transformando
os esquemas materiais nos quais ela se apóia, as comunicações, a
estrutura do tempo, as instituições, o trabalho e o lazer, as relações
sociais.

Como vimos no capítulo I, o valor existencial de uma cultura
depende de sua capacidade integradora.

A partir da industrialização, a cultura tem que considerar o
sistema ciência-tecnologia. Como isso não pode ser feito de forma
integradora, perturbações graves são introduzidas na cultura. Dire-
tamente, as perturbações dão-se no nível das representações e, indi-
retamente, pela influência do meio artificial criado pela tecnologia e
pelo crescente controle do projeto técnico-científico sobre as menta-
lidades.

As representações científicas atingem todas as pessoas de uma
cultura, ocasionando nelas uma oposição entre as representações
científicas, de fundo intelectualista, e as tradicionais, baseadas em
crenças e experiências de senso comum.

Isso ocorre principalmente devido ao espírito crítico e ao de-
senvolvimento sistemático que conferem ao sistema ciência-tecnolo-
gia uma autoridade que é difícil ignorar ou contestar. Além disso, o
enorme desenvolvimento da ciência confere-lhe grandes vantagens
sobre outras formas de saber.

Assim, a ciência questiona as outras formas de saber e isso re-
percute em todos os setores da cultura, particularmente nos valores.
O sistema cognitivo dissocia-se dos outros sistemas e introduz-se na
cultura um dualismo, até mesmo uma pluralidade, e sua capacidade
integradora fica fortemente comprometida.

Além desta, outras consequências indiretas fazem-se sentir:

a) O ambiente criado pela tecnologia

Como a tecnologia faz parte de um sistema de produção que
aumenta constantemente a quantidade de bens produzidos, uma série
imensa de objetos e produtos artificiais são colocados no meio am-
biente, distanciando o homem da natureza e de si mesmo.

A qualidade do novo ambiente da vida é especialmente signifi-
cativa. Com o progresso tecnológico

(...) o universo dos instrumentos torna-se um universo anima-
do, capaz de funcionar por si mesmo, reforçando incessante-
mente a interdependência de seus elementos, substituindo cada
vez mais o mundo vivo pelo espetáculo de um mundo encanta-
do onde os objetos se deslocam sozinho, onde as mensagens
circulam com a velocidade da luz, onde olhos luminosos não
cessam de registrar dia e noite dados relativos a operações que
se processam sem intervenção humana, onde se acumulam os
resultados de cálculos gigantescos, onde laboratórios sem pes-
soal exploram o espaço, onde técnicos de avental branco mani-
pulam massas enormes apenas apoiando os botões de um tecla-
do, e onde mesmo as atividades caseiras são realizadas por ro-
bôs programados.¹

Ao mesmo tempo em que estes instrumentos ampliam a capaci-
dade de ação do homem, colocam para ele uma realidade que deter-
mina cada vez mais o seu esquema de vida.

Os significados humanos constroem-se e mantiveram-se tendo
como base os seres vivos. Com sua substituição pelos autômatos, as
analogias antigas são transformadas e os significados tradicionais es-
vaziados de sua significação. O autômato só pode ser revestido de
funções simbólicas através de artifícios. Assim o cenário tecnológico
revela-se incapaz de substituir as representações semânticas antigas,
visto também que as finalidades para as quais os objetos foram
construídos ficam perdidas no tempo, tendendo a ser substituídas
pela sua mera utilização.

¹ Jean Ladrière, *Os Desafios da Racionalidade*, p. 108.

b) O controle das mentalidades

O projeto interno relativo ao seu próprio crescimento é o que leva ciência e tecnologia à tendência de formar um sistema autoafinanciado.

(...) Por uma espécie de mecanismo de indução, a dimensão do projeto que habita o complexo científico-técnico tende a apoiar-se da personalidade humana, na medida em que ela participa, ativa ou passivamente, no desenvolvimento desse projeto e a modelá-la segundo uma nova estrutura de temporalidade.²

As determinações fundamentais de uma cultura formam a base para a estruturação do tempo. Um esquema de temporalidade é uma abstração que não possui ação em si mesma. O estado cognitivo e os valores ligados a ele é que determinam o esquema de temporalidade.

Assim, uma perturbação do esquema de temporalidade produzido pelo projeto técnico-científico é transferida à cultura, destruindo as coerências sobre as quais ela se estabelecia. Isto faz-se pela possibilidade de previsão que o método científico propicia e pela representação antecipada do efeito desejado, característica da tecnologia. O principal do projeto é a antecipação e o crescimento auto-organizado. Nesta linha, o futuro surge em nova ótica: diferentemente das culturas antigas, onde o futuro estava fora do nosso controle, ou constituía simples repetição de regularidades já observadas no passado, ele passa a ser o local onde a ação é chamada a acontecer. Somos obrigados a aceitar o mundo como ele aparece-nos, ou seja, como um conjunto de tarefas que podemos organizar de acordo com planos. Estamos diante de uma realidade inacabada que devemos transformar. O presente é lançado para além, ligando-se ao futuro apenas para prepará-lo. O futuro é previsível, calculável. Neste esquema de tempo, os diferentes momentos são contínuos e ligados pela antecipação projetante. O passado fica desvalorizado, visto como algo que foi ultrapassado e como mero conjunto de experiências, úteis, às vezes, para inspirarem o levantamento das novas tarefas e dos meios necessários à sua execução.

² *Ibid.*, p. 110.

Independente dos tempos passados ou futuros, a ação torna-se totalmente responsável por si mesma, remetendo-se apenas às suas próprias realizações.

O "desencantamento"

Ciência e tecnologia questionam, teórica e praticamente, a autoridade e as garantias da tradição. As formas usuais de linguagem perdem a sua eficácia. Cada vez mais dúvidas são colocadas sobre as normas recebidas, as crenças e os valores são crescentemente relativizados. Assim, os alicerces construídos pela existência humana são profundamente abalados. Rompe-se a harmonia que o homem conseguiu estabelecer entre si, o mundo, o passado e sua vida interior.

(...) Começa, então, um modo de existência em que cada um encontra-se ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, em que tudo parece, ao menos potencialmente, poder ser apreendido pelo conhecimento e transformado pela ação, mas em que mais nada tem sabor, significação concreta, repercussão no vivido, porque foi rompida a comunicação com o mundo do sentido. É o tempo do "desencantamento" de que falava Max Weber. O domínio do mundo faz cessar a ação das forças que mantinham o homem como que fora de si, aprisionavam-no numa espécie de existência segunda, agora julgada irreal. Todavia, o que ela faz advir, com a destruição dos grandes símbolos e de todos os "mundos pré-dados" (*arrrière-mondes*), são uma profunda desilusão e a nostalgia, consciente ou inconsciente, daquilo que foi perdido e que em vão tentamos recontrair nessas formas nobres ou irrisórias de evasão que são a pesquisa etnológica, a exploração do passado, a preocupação com a "vida selvagem", ou, então, o êxodo periódico para aquilo que hoje serve de substituto às grandes celebrações da vida cósmica.³

³ *Ibid.*, p. 116.

A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: AS ILUSÕES E A VIDA ÉTICA

O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa auto-definição. A máquina expeliu o maquinista: está correndo cegamente no espaço (...). O tema desse tempo é a autopreservação, embora não exista mais um eu a ser preservado.

Max Horkheimer

Acerca do último estágio desse desenvolvimento cultural pode-se, na verdade, dizer: 'Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração'. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado.

Max Weber

A mudança mais profunda ocasionada pela sociedade racional é em nossa imagem da humanidade, particularmente naquela do homem das grandes cidades. Estas parecem “ (...) comportar-se de milhões de indivíduos desconectados, cada qual competindo isoladamente, e, no entanto, sendo arrastado pelo caudal de todos os ou-

tos".¹ Tal imagem, que substitui a antiga visão da humanidade, formada de grupos locais, com língua, religião e costumes próprios, parece-me bastante adequada para exprimir a atonização da sociedade, que tende a fragmentar-se em suas unidades fundamentais, os indivíduos que a compõem.

As massas humanas, reunidas e acionadas por forças externas, incontroláveis e incompreensíveis do ponto de vista individual, formam hoje a realidade social.

É a atual estrutura da racionalidade, entendida como o espírito da razão científica que penetra todos os setores da vida social, que se deve atribuir o declínio do indivíduo e a formação das massas. Como vimos, o sistema ciência-tecnologia, entrando em interação com os outros sistemas sociais, tem efeitos determinantes na cultura, abalando as tradições, eliminando as possibilidades de simbolização que dão ancoragem à existência, modificando a estrutura do tempo, levando o modo de vida puramente racional a aproximar-se cada vez mais e a determinar em grande medida a vida individual.

Interessa-nos, nesta altura de nosso trabalho, procurar explicitar, em linhas gerais, como a vida individual é suprimida, como é vivenciada, e que repercussões essa repressão tem no pensamento, na ação e na vida ética dos indivíduos.

Racionalidade e instituições: a organização burocrática

(...) A burocracia, ou a organização burocrática — definida como um sistema social racional, ou seja, como um sistema social administrado segundo critérios de eficiência, em que são definidos objetivos precisos a serem atingidos e se escolhem os meios mais adequados, mais eficientes, para atingir aqueles objetivos transforma-se na forma histórica de agrupamento social de nosso século.²

1 Susanne K. Langer, *Ensaio Filosófico*, p. 102.

2 Tarcísio Moura, *Mercado das Condições*, p. 48.

A hipertrofia da razão dentro das instituições traz uma série de consequências: o abstrativismo das atividades e da ordem hierárquica como exigência da organização, a colocação de grande grau de impessoalidade como ideal a ser alcançado e a imposição de formas cada vez menos personalizadas de relacionamento humano. Neste modelo de organização formal, os papéis são preenchidos impessoalmente e quanto mais para ele se caminha, mais a burocratização e a dominação ampliam-se.

As disfunções burocráticas nem sempre são de responsabilidade ideológica, sendo muitas vezes conseqüentes da forma de sua aplicação. Mesmo assim, a burocracia não se reduz a elementos meramente formais. Sua ação tem um componente de dominação que a estrutura como forma de poder. Colocada a serviço das forças de dominação, com a valorização das organizações no mundo moderno, a burocracia leva à alienação do indivíduo, no sentido de sua importância para decisão e ação próprias.

(...) Nestes termos, a burocracia deve ser tomada como uma técnica do empobrecimento humano. A idolatria das normas, a dedicação profissional, levam a certas práticas pouco humanizantes, como: conformismo, não competitividade, irresponsabilidade moral, idiotismo da profissão, sentimento de inutilidade vital etc. Consagram a operação e nadinham o operante. Sobretudo o burocrata subordinado torna-se, nas palavras de Erich Fromm, "fraco, indefeso e desconfiado de si mesmo e de suas próprias possibilidades".³

No exercício da burocracia, a racionalização contém elementos de irracionalidade, desde que os interesses pelo poder sobrepõem-se aos interesses de eficiência administrativa.

A impossibilidade de uma perfeita adequação dos interesses do poder com a revolução técnico-científica provoca um vazio que transforma a burocracia em força alienante.

A burocracia age antieticamente: de um lado responde à sociedade de massa e convida à *participação* de todos, de outro,

3 *Ibid.*, p. 56 e 57.

com sua hierarquia, monocracia, formalismo e opressão afirma a *alienação* de todos, torna-se jesuítica (secreta), defende-se pelo sigilo administrativo, pela coação econômica, pela repressão política.⁴

Para o necessário equilíbrio burocrático diante das forças desintegradoras, deve-se realizar um relacionamento dialético entre razão e operação. Primeiramente, a razão fornece os critérios à organização da ação, originando um processo que é ponto de partida para a eficiência. Realizada a operação, a razão deve distanciar-se dela no sentido de avaliá-la e reorganizar o processo. É sob essa base que a organização pode ser compatível com ideais humanos.

No entanto, na prática a razão operacionaliza-se, torna-se razão técnica e deixa de tomar distância em relação à operação para poder avaliá-la. A razão aliena-se e torna-se incapaz de agir por si própria. A ação identifica-se com seu resultado e é cega perante ele e a ideologia que o utiliza.

Os efeitos da instrumentalização da razão revelam-se na defasagem entre a ação burocrática e os objetivos colocados racionalmente. Moura diferencia a boa da má burocracia em relação aos vazios que aquela preenche e que esta cria. A arte de elaborar vazios práticos tem, segundo ele,

(...) uma força manipuladora que, com seu poder de intervenção na vida das pessoas, extrapola de muito o seu próprio universo. Se tomarmos consciência das dimensões cada vez mais amplas da burocratização e do poder por ela veiculado, podemos falar de uma burocracia introjeta por todas as pessoas, como processo ao qual elas não podem furtar-se simplesmente porque vivem numa sociedade cujo comando interessa-se pelo coletivo, e não pelo individual.⁵

Das conseqüências da instrumentalização do poder pela burocracia que Moura coloca, ressaltamos:

4 Ibid., p. 58, citando Maurício Tragtenberg.

5 Ibid., p. 61 e 62.

a) Regulação das autonomias

O gigantismo burocrático prejudica seu poder de assimilação.

Seu domínio atinge todas as dimensões humanas. A conformidade dirigida elimina a participação pessoal do indivíduo, sua criatividade é substituída pela capacidade de adaptação e ele torna-se mero receptor de decisões e ator de ações realizadas e decididas por outrem. A autonomia dá lugar à heteronomia. A formalidade e a impessoalidade dominam as relações humanas, que se tornam relações de produção. A uniformidade passa a caracterizar a sociedade.

b) Dissolução das utopias

As exigências de objetividade, características da racionalidade moderna, levam à destruição do pensamento utópico.

O princípio da realidade objetiva, na preocupação do controle e da produção em termos de critérios quantitativos, não dá lugar para o negativo, para formas de pensar diferentes das do *status quo*.

O realismo burocrático suprime o devir em favor do ser e reíra daquele toda a eficácia de sua dialética antecipadora. A esperança se esgota no que é equacionado em termos organizacionais. A função do amanhã é considerada apenas em vista do que já se projetou e o que se projeta é pura função da eficácia do hoje.⁶

c) Mercantilização dos valores

O dinheiro é o único símbolo que pode significar os processos interligados de produção, de racionalidade, de dominação e de buro-

6 Ibid., p. 68.

A formalização da experiência, transformada em corrida racional e desmedida de um futuro melhor, onde a vida possa ser plenamente vivida, de um futuro que nunca chega, artificializa e deturpa as necessidades e as relações humanas, capitaliza a vida.

A vivência da individualidade reprimida

São inúmeros os ónus que a capitalização da vida traz, tanto para o indivíduo como para a sociedade.

Assumir o mimetismo e a casca de uma vida realizada e feliz, embora possa disfarçar os conflitos e problemas interiores que o indivíduo experimenta, definitivamente não os elimina. A falta de oportunidade de entrar em contato profundo e verdadeiro com os outros e consigo mesmo, suas necessidades e sentimentos reais, a falta de canais de expressão da experiência como um todo, fazem com que o indivíduo vivencie, intimamente, um sentimento de extrema solidão e de incerteza. A eficiência exterior contrasta com a dura insegurança e impotência que ele experimenta em sua vida afetiva quando está só. Sentimentos duros e doídos, que ele procura evitar e no que é firmemente auxiliado pela produção industrial, que também af e nos momentos mais íntimos, faz-se presente, convidando o indivíduo a ocupar-se em mais uma atividade heteroprogramada e ilusória. Um filme na TV, uma revista, um programa, uma excursão, uma festa, uma roupa, um carro, um aparelho novo. Ou esporte. Ou drogas. Ou soníferos. Para que os sonhos não lhe tirem o sono. Para que os sonhos não venham mostrar o absurdo do cotidiano, sem gosto e sem esperanças.

O cansaço da energia cerebral gasta em excesso, da repressão da energia afetiva. O acúmulo de frustrações, mágoas, ressentimentos, desesperança. O buraco enorme da solidão. A humanidade perdida, a superficialidade instalada, o sorriso ensaiado, a lágrima contida, a confusão. Sentimentos que se revelam sob forma de tensão, ansiedade, agressividade velada ou explícita, violência. E as defesas, mais amplas, em maior número, mascarando os problemas reais, tornando-os longínquos, de difícil percepção e de difícil acesso.

Embora a aparência possa até ser de luxo, bem-estar, alguma parte do corpo esconde o drama. E as consultas a médicos, psicoterapeutas e outros especialistas aumentam, para quem pode. A busca de caminhos alternativos (espiritismo, curandeirismo etc.) também, para os que podem e, principalmente, para os que não podem. Eventualmente, isso ajuda, mas muitas vezes representa o começo de uma maratona sem fim, que aumenta os sentimentos de insegurança, dependência e impotência.

Abandonar-se, deixar o barco correr, desresponsabilizar-se.

O pensamento, a ação e a vida ética

Acostumado a atuar sob comando, segundo finalidades essencialmente práticas e servindo a interesses externos, o pensamento é expurgado de qualquer conteúdo afetivo ou imaginativo, sendo estes considerados fora de moda, piegas, ridículos. Assim, quando estes conteúdos forçam passagem para o pensamento, induzem à confusão e são rapidamente racionalizados ou simplesmente repelidos. Ligados apenas às ações, que se tornam rotineiras, ambos, pensamento e ação, tornam-se sem sentido. As ações, automáticas, sem criatividade, tornam-se sem graça e são feitas sem muita vontade. Se a ordem é sobreviver e adequar-se segundo os modelos impostos, e se é impossível superá-los, o pensamento e a imaginação passam a ser usados no sentido de buscar satisfações imediatas, transferir responsabilidades e promover justificção para as formas pouco éticas e satisfatórias da vida que se leva. Se a vida do indivíduo, no sentido da sobrevivência, é regulada de fora, a responsabilidade, principalmente pelos erros e desacertos, pelas frustrações, não é dele. Assim, a responsabilidade pela mudança também não lhe pertence. E todos os desvios éticos que ele realiza para poder sobreviver, também não são de sua responsabilidade. A desresponsabilização e o descompromisso driblam a culpa e destroem a resistência individual.

As ilusões

As ilusões são reificações de nossos impulsos para o prazer. Os desejos transformam-se em coisas. O homem transforma o

seu querer em realidade, desejando que a própria realidade desapareça no nada.⁹

Para compreendermos bem este problema, é fundamental perceber que imaginação e ilusão são elementos opostos e conflitantes, pois enquanto que a imaginação refere-se à realidade que verdadeiramente se deseja, as ilusões querem preservar uma realidade falsamente satisfatória, a que aí está. Devemos compreender as ilusões pela forma como elas atuam, e não pelo que elas dizem.

Os elementos do imaginário, como vimos, afastam-nos do real e a ele trazem-nos de volta, tornando o homem, seu meio ambiente, externos, estranhos, e por isso, tornando-nos críticos diante desta realidade. Ligam-nos aos nossos sonhos e aspirações, apontando caminhos possíveis para a transformação da realidade.

Para uma vida equilibrada, harmoniosa, o homem tem necessidade do sonho, do imaginário. Mas de um imaginário são, autêntico, de qualidade. Assim, quando a imaginação não é alimentada de maneira sólida, ela perverte-se, procurando compensações e substituições lamentáveis, degradantes. A imaginação vira ilusão e sua potencialidade criativa de mudar positivamente a realidade é anulada.

Mas de que forma e por que o homem cria ilusões?

Vimos que o sofrimento é a essência da personalidade, da individualidade – ele indica que estamos em contato com o mundo e que não fomos domados por ele. Juntamente com a imaginação, ele aponta para as condições de vida insatisfatórias que a realidade nos fornece.

A personalidade ama bastante a vida, pois foi criada por ela. O sofrimento é um sinal de que realidade e vida encontram-se em oposição. A personalidade, então, precisa recriar o mundo a partir de suas aspirações. A realidade presente cria o sofrimento, frustra as razões do coração. Então, para a personalidade, a verdadeira realidade não existe, agora é apenas uma possibilidade que pode e deve ser criada.

⁹ Rubem Alves, *A Geração do Futuro*, p. 142.

A personalidade cruza o presente como se atravessasse uma pseudo-realidade que precisa ser abolida se a alegria quiser entrar no mundo.¹⁰

As ilusões não são necessariamente distúrbios mentais, mas sintomas de situações sociais concretas, indicações de que o homem está vivendo num mundo onde a criatividade foi tornada impossível, representando simbolicamente sua luta para resolver esta situação.

A existência das ilusões aponta para as condições sociais que dela necessitam. Mesmo quando parecem totalmente desconectadas da realidade, muitas vezes elas têm suas raízes nas condições sociais e existenciais objetivas. São sintomas concretos que a vida enfrenta para poder continuar. Qual é, então, a doença dos nossos tempos?

Nas páginas anteriores vimos as origens e alguns dos sintomas desta doença, a que demos o nome de formalização da experiência. Fruto da racionalidade, que se estende do sistema ciência-tecnologia e passa a gerir com grau cada vez maior de abrangência as instituições e as experiências humanas, ela abala a cultura e a vida dos indivíduos, que, desprovidos da expressão no nível social e individual, acabam não tendo condições de conhecerem-se, de assumirem-se e ao seu mundo, no sentido de promoverem uma vida mais significativa e mais feliz. Isso rouba-lhes a própria humanidade. Este, o sofrimento maior, soma-se aos profundos sofrimentos que a vida cotidiana, exigente, difícil, desumana, acarreta. E a impotência em transformá-la. E a desesperança de que o poder possa modificar algo deste estado de coisas. Numa situação destas, a tensão aguçava-se. A personalidade fica dividida entre os seus desejos e a realidade. O sofrimento é intenso.

Como construir uma realidade bonita se nossos olhos e ouvidos mostram-nos sem cessar as injustiças deste mundo? Resistir é desistir de nossas mais queridas esperanças pessoais – nossa casa, nosso lar, nosso espaço e nosso tempo. A resistência envolve dor, sofrimento, constância e adiamento do prazer. A ilusão nasce desta descoberta ou, mais simplesmente, quando nos deixamos levar pelas satisfações ilusórias que a sociedade oferece-nos hoje. Por causa das satisfações imediatas e da fuga do sofrimento, o homem desiste de

¹⁰ *Ibid.*, p. 139.

suas aspirações. "Torna-se" feliz. O sofrimento desaparece. O homem torna-se insensível.

As ilusões são assim construídas a partir de uma estranha aritmética: elas acrescentam, subtraindo. O que elas nos fornecem, em termos de realização de desejos, vem daquilo que roubam em termos de consciência. Quanto maior a consciência, maior a dor. E segue-se logicamente que, menor a consciência, maior o prazer. Como afirma a sabedoria popular, 'o que os olhos não vêem, o coração não sente'.¹¹

Nosso ponto básico de referência sobre a vida humana passa a ser fornecido pelo mundo da organização. Organização, disciplina e rotina tornam-nos entorpecidos e incapazes de sentir, com medo de sentir. Nosso corpo transforma-se numa das funções da organização.

E vivemos de múltiplas ilusões: na embriaguez das auto-satisfações; na esperança de que, com nosso sacrifício, "subiremos" na vida, conquistaremos coisas e realizações que nos trarão a felicidade; "fechando" os olhos para o sofrimento e achando que tudo está bem, realizado; que podemos e devemos ser felizes, individualmente falando; que devemos esquecer os sonhos, e "amadurecer".

Sob a falsa alegria que estas ilusões possibilitam, oculta-se a desesperança. O homem desacredita de si como criador e redefine-se como alguém ligado fundamentalmente à experiência imediata.

E corre o risco de retornar à experiência da dor e do prazer, própria dos animais.

A resistência não é um sintoma de enfermidade, mas o meio pelo qual a consciência mantém-se íntegra.

A insanidade das ilusões origina-se da insanidade da sociedade e do poder. As prescrições das ilusões devem ser rejeitadas, e a doença social que a produz deve ser curada. O homem deve ser desiludido, não para tornar-se realista, mas para acabar com a realidade que torna necessárias as ilusões.

É preciso que a imaginação traga de volta os sonhos e a esperança.

A visão do sonho

11 *Ibid.*, p. 145.

liberta o homem das forças materiais que criam a compulsão do comportamento de fuga, dizendo um "não" definitivo para qualquer solução de sofrimento que implique em sucessivas deslocções e recolocções dentro da geografia da dor e do prazer.¹²

Apaixonado por seu sonho, a missão do homem é a de construir um mundo novo. Assumindo seu projeto criativo, o homem "mostra-se capaz de conquistar o sofrimento".¹³ A esperança produz a resistência: eu tenho esperança — eu desejo — eu posso — eu quero — eu vou, a fórmula da criatividade.

Desta forma, a "(...) dor física e o prazer perdem a sua finalidade: são vencidos, e o homem descobre a sua liberdade no ato de fazer nascer uma nova Terra".¹⁴

Os profetas, revolucionários e mártires, os poetas e os artistas, e mesmo o povo comum mostram-nos, muitas vezes, que ainda existem algumas forças de resistência dentro do homem.

(...) Contra o pessimismo social, há evidências de que, apesar do contínuo assédio dos padrões coletivos, o espírito da humanidade ainda está vivo, senão no indivíduo enquanto membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo quando está só.¹⁵

Também olhos mais esperançosos podem ainda ver

(...) nas nossas sociedades, um respeito pelos fracos, pelas crianças, pelos velhos, uma prestabilidade simples, uma cordialidade espontânea, uma compaixão pela desgraça, um sentimento inato da vida e dos seus segredos, um apego ao trabalho bem feito, uma capacidade de crer (nem que seja através de práticas um pouco supersticiosas), uma nobreza de sentimentos, uma presença da alegria, que vêm de uma outra idade, que não se compreendem muito bem no meio do barulho e da brulha.

12 *Ibid.*, p. 120.

13 *Ibid.*

14 *Ibid.*, p. 121.

15 Max Horkheimer, *op. cit.*, p. 152.

talidade das cidades modernas, na atmosfera abstrata dos es-
critórios e das grandes lojas, no vazio das ruas superpovoadas,
na unidade brilhante dos espetáculos de cinema ou de televi-
são.¹⁶

E que provam que o homem ainda existe, e que a vida, embora
dura e sofrida, continua (está ao nosso alcance, em nossas
mãos).

PARTE III

CONHECIMENTO E CULTURA

*A imagem do mundo desmoronou. Sentimo-
nos arrastados, numa violência transição, de um
mundo que não podemos salvar, para outro
que não podemos ver, e a maioria das pessoas
tem medo.*

*Sob muitos aspectos, a história nos aparece
como uma maldição: a felicidade encontra-se
atrás, quem da emergência dos impérios, da
racionalidade, da transformação da natureza
e de todo esse tumulto que constitui a vida das
grandes coletividades. Mas não é possível vol-
tarmos atrás...*

*Não podemos voltar atrás a não ser em sonho.
A história caminha para a frente, não para
trás. A História é o caminho da liberdade.*

*É a existência que a si mesma se integra no
esforço pelo qual, na ação, ela se constrói.*

Langer e Ladrière (excertos)

¹⁶ Jean Ladrière, *Vida Social e Destinação*, p. 262.